

1). — *os velhos problemas*, tomando com eixo de suas análises a questão econômico-financeira, a exploração da cana de açúcar em particular: a *SUDENE* e o *GERAN*;

2). — *um povo triste*, focando graves problemas de ordem social, especialmente relativos à saúde do povo nordestino;

3). — *o que nem todos podem dizer*. Mostra como se tem medo naquela região, de abordar determinadas situações;

4). — Apêndices: o 1º). — *sobre uma Política de Desenvolvimento Econômico para o Nordeste*; o 2º). — *Nutrição e Desenvolvimento do Encéfalo*; o 3º). — *Notas sobre o sub-emprego urbano no Nordeste*.

*Análise*: O Autor nos dá uma visão da situação do Nordeste (povo e terra) a partir do setor econômico-financeiro. Como a exploração agro-açucareira sempre foi o centro da vida e das atividades daquela região, é em torno dela que o Autor organiza o seu trabalho. Dá um rápido histórico da cultura de cana e de sua industrialização com as diversas fases por que esta última passou. Trata dos aspectos diversos da questão, mostrando inclusive a crises que atravessou diante da concorrência ou do sul do país ou do estrangeiro. Chega então à situação atual, destacando os organismos montados para planejar os esquemas globais de solução, sobretudo a *SUDENE* e o *GERAN*. O Autor faz várias críticas a tais organismos, apesar de reconhecer o valor de sua presença e de sua atuação.

Em todo o livro pode-se verificar a preocupação com o lado humano, com "o homem nordestino sozinho na sua miséria".

OSCAR FIGUEIREDO LUSTOSA

\* \* \*

MOTTA FILHO (Cândido). — *A Vida de Eduardo Prado*. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editôra. 1967, xxxii-328 págs. (Documentos Brasileiros Nº 129).

"... a investigação histórica é uma forma de viajar como viajar é uma forma de ser livre" (pág. 7).

Como uma contribuição à homenagem dispensada a Cândido Motta Filho pela ocasião de seu setuagésimo aniversário, a casa José Olympio Editôra ofereceu-nos um volume do autor cujo tema central é a vida de Eduardo Prado. Numa apresentação impecável, e tão só com o desconforto de encontrar as notas ao final de cada capítulo o que dificulta a continuidade da leitura, Motta Filho entrega-nos sua obra com uma dupla divisão. Na primeira parte, que contém oito capítulos, aborda as influências que Eduardo Prado recebeu, e que perduraram durante a trajetória da sua vida, de Dona Viridiana, sua mãe; as suas relações com seus amigos Afonso Celso, Eça de Queiroz, Monsenhor Francisco de Paula Rodrigues, Capistrano de Abreu, Joaquim Nabuco, Teodoro Sampaio, Rio Branco e Rui Barbosa, relações ainda que antagônicas quanto a alguns aspectos como suas respectivas posições políticas, mas baseadas fundamentalmente no interesse pelo desenvolvimento do intelecto e da cultura; o relato de suas viagens por várias partes do mundo, sua preocupação em estar a altura dos acontecimentos dos meios intelectuais europeus; as influências diretas de Renan e Chateaubriand visíveis no seu estilo li-

terário; o cultivador da amizade sincera, ao contrário do que o autor imagina seu personagem; segundo Motta Filho, Eduardo Prado é o personagem em busca de um autor, pela sua clara autenticidade; o crítico da Primeira República, que descobriu o tendão de Aquiles dos republicanos: o bacharelismo, atarando-o sem piedade, coisa que num momento dado obriga-o a tomar uma posição política que tem como ponto culminante a publicação da sua obra *A Ilusão Americana*, onde analisa o Brasil dentro do contexto mundial, e a nosso entender, uma obra expressiva, profética, com um conteúdo que muito poucas inteligências do seu tempo puderam prever e que agora os povos latino-americanos vivem na própria carne: a periculosidade que implicava a expansão territorial e o desenvolvimento econômico dos Estados Unidos.

Tôda esta primeira parte pode-se sintetizar como o esquema da sua vida externa, isto é, do seu mundo externo, do mundo que o rodeia. A segunda parte, subdividida em seis capítulos, pertence ao mundo interior, ao mundo íntimo de Eduardo Prado. Aqui encontra-se a força geradora de tôdas suas metas, ambições e frustrações. Eduardo Prado vibra com o seu Brasil querido, é a mãe-terra que o impulsiona para uma vida repleta, cheia de conflitos, que o acompanharam até sua morte. Nunca perdeu a perspectiva histórica do seu país, sempre presente nas suas viagens e no exílio. Para êle, católico ardente, seu país foi uma mística que o levou a ser um escritor prolífico, de temas vários, mas sempre sem perder a visão da sua pátria. Sua vida foi interrompida quando ainda tinha suficiente força e juventude para prosseguir sua luta, por êsse temor tão arraigado a êle desde a infância e que dêle merecia bastante respeito: a morte.

Êste livro vem acompanhado também de uma bio-bibliografia do autor, assim como ilustrações e reproduções facsimilares de documentos pessoais (cartas e notas) de Eduardo Prado.

A forma biográfica é considerada muitas vêzes, não sem razão, como o acúmulo de provas irrefutáveis, positivas, que contribuem para o enaltecimento de um personagem. Assim, de imediato, percebe-se que o personagem tratado é o centro motor de todos os acontecimentos, tudo gira a seu redor e, portanto, alquire um plano superior ao humano e às situações espaço-temporais. É um semi-deus criador de circunstâncias de onde se conclui que existe a obrigação de atuar nêle. Em se tratando do livro de Motta Filho, pode-se dizer com tôda honestidade que tanto o autor, como o personagem, permanecem no plano do humano, em nenhum momento aparece qualquer idéia em contrário. É notável a preocupação, que se deixa filtrar através da leitura, por equilibrar a forma biográfica e dar uma visão do personagem dentro da dimensão da sua época. O autor não abusa da apologia — quando se faz presente é para precisar a figura — nem da parvulidade para elevar a personalidade de Eduardo Prado. Numa prosa fácil, ligeira, muito exuberante, consegue Motta Filho que o leitor participe da vida do personagem assim como se deleite com a leitura da qual fácil não é se desprender: há um encanto que obriga a não interrompê-la. A clareza da exposição e a lógica do conteúdo, destacam a qualidade do escritor. Assim, devido à sua pena, conhecemos as inúmeras facetas de Eduardo Prado: homem culto, observador, conhecedor dos problemas do seu país, jornalista, historiador, político, literato, escritor. Agora, algo novo, é que só não elabora a vida de Eduardo Prado ou sua biografia, mas também a vida ou as biografias de todos os participantes da obra. Estupenda interrelação, com influências recíprocas, que Motta Filho consegue, para dar um conteúdo completo do homem e sua época.

Por uma razão natural, existe em nossos países da América Latina, talvez com raras exceções, a tendência a pesquisar a vida dos personagens que participaram nas lutas que nos tem legado os regimes atuais, quer dizer, a dos que triunfaram. Pesquisar a vida dos que sofreram derrotas é quase um tabú que limita tôdas as possibilidades. Porém deve-se levar em conta que êstes homens fizeram também todo o possível para contribuir para o engrandecimento do seu país, eis aí o valor dentro da história e eis aí o grande valor que adquire a obra de Motta Filho.

Temos a impressão que agora se apresenta uma revisão e reivindicação dos personagens históricos, não importando sua posição política, e que estas são as primeiras tentativas de auto-crítica, necessária para se obter um equilíbrio e conhecimento da verdade mais próxima dos fatos que contribuem para o estudo da História. Será que êste é um dos primeiros passos que podem servir de exemplo a seguir pelos nossos países latino-americanos?

MÁRIO A. CONTRERAS R.

\* \*

\*

FRANCO (Sérgio da Costa). — *Júlio de Castilhos e sua época*. Editora Globo. Coleção Província. Pôrto Alegre. 1966.

A iniciativa do sociólogo gaúcho, Sérgio da Costa Franco, em apresentar-nos a figura de Júlio de Castilhos (1860-1923), após intenso trabalho de pesquisa, causou-nos imensa satisfação.

Sem dúvida, já é tempo dos historiadores lançaram-se com vigor, na pesquisa da história da República. Se até há alguns anos, era de certa forma tímida, embrenhar-se num período demasiado próximo, hoje essa atitude não se justifica. O longo período da "República Velha" necessita de um reexame cuidadoso. A farta documentação, os jornais, constituem um material imenso a ser pesquisado.

O presente trabalho, não é o primeiro que o autor escreveu sôbre Júlio de Castilhos. Seu primeiro trabalho histórico publicado foi "Oliveira Viana e a Revolução Farroupilha", através do "Correio do Povo" em 1949, posteriormente apresentou um ensaio sôbre o mesmo assunto na revista "Província de São Pedro". Nota-se dessa forma, que a presente obra, é um fruto amadurecido, após vários anos de estudos e pesquisas, o que é demonstrado claramente na leitura que se faz do livro em questão. O assunto não se esgota com a presente publicação, pois não se conhece inteiramente tôda a documentação sôbre Castilhos.

Analisando o personagem desde seu nascimento, onde busca uma interação sociológica homem-meio, acompanhamos pela leitura da obra, o importante papel desempenhado por êle na organização política do Rio Grande do Sul republicano, na formulação de um federalismo radical, na luta contra o "gasparismo", buscando dar nova vida política a seu Estado, e por fim, a importante "Insurreição Federalista" de grande importância na vida dos primeiros anos da República.

O emprêgo de uma terminologia, por vêzes inadequada, e algumas notas de rodapé, que se fazem necessárias, não desmerece de forma alguma o trabalho apresentado.